

# Perdemos um ano. É tempo demais

**ALDO LORENZETTI**

Este ano pautou-se por uma série de eventos importantes na área econômica, como a moratória, novo congelamento, gatilhos etc., mas a Constituinte, sem dúvida, polarizou as atenções pelo maior espaço de tempo.

Quanto a ela, é necessário que se faça justiça com a maioria dos congressistas!

O texto aprovado pela Comissão de Sistematização, que ponderáveis parcelas da sociedade condenam, é o produto de manobras regimentais e do pensamento de uma minoria de constituintes, que representam, talvez, menos de 10% do Congresso. A maioria é constituída por pessoas esclarecidas, ponderadas, com alto senso patriótico, algumas aqui presentes, as quais merecem todo nosso apoio e que, quando entrarem concretamente no processo, a nível de plenário, certamente corrigirão as distorções existentes.

Vamos à performance do setor: havíamos crescido muito em 86 (27%). Mesmo assim, as possibilidades para este ano eram boas, pois mesmo com esse crescimento só fizemos voltar aos níveis de produção já atingidos em 1980. Como de 80 a 87 a população economicamente ativa teve um crescimento superior a 15%, caso ela mantivesse seu poder aquisitivo, poderíamos crescer na mesma proporção.

Os resultados de 87 com relação a 86, porém, indicam:

Performance: -5%, o que representa um faturamento de cerca de 14 bilhões de dólares;

Exportações: mantiveram-se estáveis, com 1,32 bilhão de dólares;

Número de empregos diretos: também estável, cerca de 270 mil.

É importante ressaltar que esta performance não se deve a um comportamento homogêneo ao longo do ano, mas sim ao bom desempenho do primeiro quadrimestre, derivado das encomendas obtidas ainda em 86.

Num ambiente de confraternização, o bom humor é um componente fundamental! Vamos, portanto, rir um pouco juntos. Para tanto vou lembrar pequenos trechos do discurso do ano passado.

Eu dizia, naquela ocasião, que o limiar de um novo ano nos induzia a alimentarmos esperanças. Esperanças de que nossos anseios se realizassem no ano que entrava. Vamos a algumas "esperanças" do ano passado:

Esperamos que o governo cumprira, de forma rápida e substancial, sua parte no Plano Cruzado, diminuindo seu "déficit" orçamentário, através de cortes nas despesas de custeio e não através da redução de investimentos prioritários.

Que em 1987 seja finalmente implantada uma política industrial no País e que todas as entidades de governo envolvidas na implantação e manutenção dessa política atuem harmonicamente para que a mesma seja bem-sucedida.

Que seja equacionado o problema da dívida externa, para que tenhamos recursos suficientes para fazer frente aos urgentes e necessários investimentos na infra-estrutura do País.

Que a Assembléia Nacional Constituinte elabore uma Constituição concisa e duradoura, que ofereça aos brasileiros os requisitos mínimos que uma nação moderna preconiza para seus cidadãos, preservando entretanto os direitos básicos de uma sociedade

de democrática, como o da propriedade privada.

Que em 87 haja uma definitiva opção pelo sistema de livre iniciativa com a efetiva redução da figura do "estado empresário", bem como de sua excessiva ação reguladora, que coloca a empresa privada numa camisa de força, tolhendo sua agilidade, flexibilidade e criatividade.

Que o governo pratique uma política de atração de novos capitais de risco do Exterior.

Que o tão desejado equilíbrio entre a oferta e a procura aconteça muito mais pelo aumento da oferta do que pela retração da demanda.

Para tanto, é imprescindível que existam condições favoráveis ao investimento privado, tais como segurança quanto ao futuro, taxas de juros compatíveis, rentabilidade adequada e maior liberdade de atuação da iniciativa privada.

O que aconteceu com todas essas esperanças? Nada! Absolutamente nada! Perdemos um ano!... Tempo demais até para a vida de um país!

Continuamos sem a menor participação na política econômica, engolindo pacotes e decretos que afetam profundamente as classes produtivas e a população.

Continuamos a vender para um governo que não nos paga! E, quando nos paga, às vezes um ou dois anos depois, pretende fazê-lo sem sequer correção monetária!

Sem contar que, através de uma série de decretos, interpretados à sua conveniência, reduz o preço inicial dos bens e serviços fornecidos à metade do seu valor.

E tudo isto com a aprovação dos tecnocratas do governo, contrariando a determinação do próprio presidente da República, sob a alegação de que, pagar o preço justo com correção e juros nos casos de atraso, seria muito oneroso para os cofres públicos!

Não se preocupam com o fato de que isto possa provocar o sucateamento de segmentos importantes da iniciativa privada, bem como a extinção de dezenas de milhares de empregos!

Vemos os capitais de risco estrangeiros se retirarem e os novos investimentos serem afugentados por posturas xenofobas!

Vemos os vários ministros da área econômica impedidos de praticar seus planos saneadores de forma plena, tais as pressões que sofrem!...

Presenciamos uma intervenção cada vez maior do Estado na economia, através de um pequeno grupo de tecnocratas palacianos que, apesar de sua boa intenção e patriotismo, na grande maioria, jamais saíram da universidade, lá se formaram e lá continuaram lecionando a teoria aprendida. Nunca pisaram numa indústria ou viram uma duplicata de perto!

Constatamos uma total inversão de prioridades, pois, em vez de se reduzirem despesas, cortam-se investimentos necessários na infra-estrutura e pretende-se investir em obras de retorno duvidoso e a longuíssimo prazo.

Vemos o ensino público, que no passado era modelar, ser completamente desqualificado, por falta de verbas, por salários vis aos professores, por currículos inadequados.

E esta é a forja das novas gerações...

Vemos a população empobrecida, doente, sem assistência médica adequada, sem possibilidade de consumo.

Vemos nosso parque industrial se desatualizando, por falta de investimentos, se enfraquecendo pela contínua e progressiva transferência de recursos ao Estado, pela eliminação do lucro e pela perda da escala de produção.

Vemos enfim, com muita tristeza, diante deste quadro pintado em rápidas pinceladas, brasileiros de todas as condições sociais, inclusive empresários, procurando em outros países o futuro que gostariam de ter no seu!

Isto é triste e preocupante! Evasão de empresários...

O empresário é um dos patrimônios de uma nação. É aquele que nasceu com o dom de reunir pessoas para gerar riquezas. Todos os países o estimulam. No Brasil, é atacado. A ele se impingem as consequências dos descertos da nossa política econômica, procurando transformá-lo no grande vilão nacional.

E por que nenhuma esperança se realizou? Por que continuamos neste quadro de incertezas?

Eu apontaria, entre outros, três motivos básicos:

1) Comportamento do governo

Ficamos muito animados quando o atual governo anunciou que seria voltado para o "social". Para nós isto significava a valorização do homem, a preocupação com a qualidade de vida dos brasileiros, sua saúde, sua educação, com a perseguição de uma economia de pleno emprego, uma política salarial não contensiva, fortalecimento do mercado interno, que provocaria a utilização crescente da capacidade ociosa da indústria com conseqüente barateamento dos produtos industriais pela economia de escala, aumento da arrecadação tributária pelo aumento de negócios, conseqüente diminuição do déficit público, conseqüente queda da taxa de juros pela menor pressão do governo no mercado financeiro, conjugada a um regime de austeridade nos gastos públicos.

Com a queda dos juros, nova diminuição no custo dos produtos, pois a despesa financeira é hoje o principal insumo da indústria.

Os produtos se manteriam acessíveis, pois a diminuição do custo do dinheiro e o aumento da escala de produção neutralizaria grande parte da inflação gerada pela mudança da política salarial.

Para manter o alto nível de emprego e evitar a inflação por pressão de demanda criar-se-iam situações favoráveis a novos investimentos: lucro justo, dinheiro barato, mercado aquecido, regras do jogo definidas e estáveis, segurança institucional.

Entraríamos então num processo positivo, voltado ao "social". O processo econômico seria conseqüência! O que se viu porém foi fazer da política um fim em si mesma ao invés de ser o meio para a consecução das metas econômicas e sociais. A negociação política para obter-se apoio, ao invés de ser praticada com idéias e palavras, passou a ser feita com cargos e benesses. A contrapartida do apoio político a todos os níveis ficou tão atrativa que mesmo os que já apoiavam retiraram seu apoio para poder negociar. Esqueceu-se que o poder político emana do povo e que o povo deseja somente poder trabalhar e ter um salário digno que lhe permita uma qualidade razoável de vida, e não enganosos cântos de sereia que sabe impossíveis na prática, ou medidas paternalistas que tiram do cida-

dão o que ele possui de mais sagrado: sua dignidade!!

Passou-se, enfim, do "social" para o "populista"!

2) Nossas esperanças não se realizaram também por nossa culpa!

A classe empresarial não foi capaz de se unir de forma organizada e harmônica, e então atuar monoliticamente na defesa dos interesses do País, com a força política e econômica que essa união proporcionaria.

Temos o exemplo do que já foi conseguido pelos empresários rurais. Mesmo assim, quantos perdiam suas propriedades para o Banco do Brasil ou outros agentes financeiros por uma política agrícola falha, pelo governo não honrar os preços mínimos que havia estabelecido, etc, continuavam passivos!

Foi necessário que se inventassem os "sem terra", ocupando terras produtivas, para que, pelo afloramento do vínculo do homem com a terra que ele e seus ascendentes cultivaram, surgisse um movimento de união, com indistigáveis resultados.

E nós da área industrial? Muitos já quebraram, já perderam suas empresas para os agentes financeiros, vítimas não da sua incompetência, mas de fatores alheios à sua alçada de atuação.

Será que nós, da área industrial, devemos esperar que inventem os "sem fábrica" para que nos unamos e adotemos uma postura mais consentânea com a importância daquilo que defendemos?

Conclamo nossas lideranças para que concretizem as tão necessárias e sonhadas "união e ação"!

3) Finalmente, nossas esperanças não se realizaram porque não há amor pelo nosso Brasil.

Somos milhões de individualistas! Cada brasileiro só se preocupa com seu bolso, sua família, seus amigos, sua empresa, seu partido. Só se preocupa em servir-se e não em servir!

Este amor à pátria, meus amigos, é a única maneira de acabarmos com tudo aquilo que corrói nosso país: a corrupção, o empreguismo, o falso nacionalismo, a demagogia, a miséria!

Que a vibração patriótica que nos invade e nos emociona até as lágrimas não se restrinja somente à ocasião de conquistas esportivas, mas que acompanhe todos os brasileiros no dia a dia, interferindo em todos os seus procedimentos e decisões.

Somente quando todos amarmos nosso país acima dos interesses pessoais poderemos estar certos de legar a nossos filhos o Brasil que tanto desejamos.

Quanto ao futuro, a confiança persiste!

Não queremos e não devemos nos transformar em aplicadores no mercado financeiro e muito menos buscar nosso futuro fora do País onde nascemos e que tanto amamos.

Confiamos porém, quase exclusivamente, nas potencialidades do nosso país, na livre iniciativa, e na união das classes produtivas — trabalhadores/empresários e trabalhadores/empregados.

Se nos deixarem trabalhar no regime da liberdade econômica, poderemos efetivamente confiar no futuro com a certeza de que transformaremos o Brasil no país que todos sonhamos!

O artigo foi extraído do discurso do presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica Eletrônica (Abinee), Aldo Lorenzetti, durante o almoço de fim de ano da entidade, na sexta-feira.